

Senhor Presidente do Conselho Geral da Nova,
Magnífico Reitor,
Senhores Vice-Reitores e Pró-Reitores,
Senhores Diretores das Unidades Orgânicas da UNL,
Senhor Provedor do Estudante,
Senhoras Administradoras da NOVA e da SASNOVA,
Caros Diretores de Escolas,

Caros Estudantes de mérito, suas famílias e convidados,
Minhas Senhoras e meus Senhores,

Os prémios têm uma dupla componente: são, em primeiro lugar, um reconhecimento do esforço e da qualidade do trabalho que se distingue pela excelência dos seus resultados; e são, por outro lado, talvez o mais importante e, pelo menos, o mais útil, um incentivo à continuação desse trabalho ou uma forma de se impulsionar os que revelaram mérito no sentido de novos horizontes, em que as qualidades reveladas possam ser levadas ao seu máximo expoente.

Esta é, claro está, em ambos os casos, a visão ideal. A realidade é, no entanto, não poucas vezes, muito diferente. Há quem veja nos prémios fins em si mesmos, que justificam que para eles se viva. Esta perspectiva sofre à partida de dois males: o primeiro é que, se se vive para os prémios, estes acabarão por absorver a vida, que se passa a conduzir paralelamente à realidade. O segundo é que, quando se esgota a vida na busca de um prémio, está-se a condená-la à ilusão de uma satisfação que se revelará efémera e insuficiente, e que, rapidamente, se converterá em frustração.

Há, portanto, duas consequências que daqui se tiram: os prémios, ou uma determinada forma de busca-los, podem conduzir a um alheamento da realidade e, como se tal não bastasse, ao perigo mortal de uma satisfação vazia.

Há, porém, para estes dois males, dois remédios, cuja eficácia depende, essencialmente, da forma e do empenho com que sejam aplicados. O primeiro corresponde ao comprometimento com a realidade. Estar no mundo não é apenas um enquadramento, é a própria condição da existência – especialmente da existência intelectual.

O segundo é a permanente insatisfação. Paradoxalmente, o preenchimento pessoal, mas também o social, só pode ser alcançado parcialmente. Não se trata tanto de uma realização incompleta, se não que circular, a noção de um processo permanentemente contínuo e nunca acabado. Bem sei que um processo que se baseia na insatisfação é, à falta de melhores palavras, muito pouco satisfatório. É, porém, o que oferece a única arma capaz de dar luta ao Absurdo da realidade – a *Persistência*.

Mas detenhamo-nos um pouco mais no primeiro dos remédios. Em Raymond Aron encontramos o conceito e o exemplo do *intelectual comprometido*. O intelectual comprometido é, antes de mais, aquele que consagra a acção pública como arte do possível. Assumindo, em primeiro lugar, a *responsabilidade* da sua análise e da sua acção consequentes. Precisamente, deste decorre um outro dever – o de moderação. O intelectual comprometido é o intelectual moderado, o que, no seu tempo, como no nosso, aliás, o coloca como defensor da democracia liberal contra os totalitarismos. Mas esta moderação a que se presta é, na verdade, mais que um dever, um reconhecimento do carácter cinzento da realidade, a assunção de que no mundo não reina tanto a luta entre o bem e o mal, mas o espaço imenso que fica entre estes, da escolha entre o preferível e o detestável, da opção pelo razoável em detrimento da paixão pela Razão, e da escolha da responsabilidade em substituição da convicção cega. Tendo perfeita consciência dos princípios morais que, inclusivamente, sustentam frequentemente a sua posição, não é moralista, jamais procurando impor concepções absolutas de moral. Defendendo a imparcialidade do pensamento lúcido, nem por isso se procura afastar da realidade dos factos; afinal, é o seu envolvimento que faz dele comprometido.

Comprometermo-nos com a realidade é, pois, partirmos para o mundo conscientes de que este nem sempre encaixa nas tipologias e categorizações que durante anos aprendemos na Academia. Não estou com isto a desvalorizá-las. Fala-vos um amante da Teoria. Comprometermo-nos com o mundo exige, no entanto, que abramos as portas que nos abrigavam dos seus ventos e que, ao fazê-lo, estejamos prontos para o que eles possam levantar. Os conceitos teóricos serão úteis instrumentos para se lidar com a ventania, mas será a Experiência que os manejará no momento de convertê-los em acção.

E a vossa Experiência começa agora, lançados que são ao Mundo! Os prémios que hoje recebem, e que ninguém merece mais do que vocês, depois de anos de esforço e de

sacrifício, não estão, porém, ainda completos. Do mesmo modo que ganhá-los foi tarefa vossa, é a vocês que cabe agora dar-lhes outro significado, que dependerá da leitura que deles fizerem. Permitam-me, relativamente a esta, sugerir-vos uma via, porventura inesperada: a dos prémios, e dos méritos em geral, como fardos a carregar. O peso é o da tal responsabilidade que caracteriza o intelectual comprometido. Assim, mais do que a busca do próximo prémio, a vossa posição deve ser a de que aquele que já ganharam precisa de continuar a ser justificado a cada dia das vossas vidas. Mas é também o peso do próprio comprometimento, da noção de que uma tarefa nunca está completamente acabada e de que tudo pode ser melhorado, ainda que nada chegue a ser perfeito. Nada disto, aliás, é novo. Já no-lo havia ensinado Aristóteles.

Aqui encontramos-nos com o segundo remédio que há pouco referi: a insatisfação permanente, que deve ser pressuposto da Persistência.

Falei-vos já da frustração que quase sempre resulta de uma satisfação efémera. Esta frustração parece ser mais grave, justamente porque se havia apostado tudo naquela perspectiva de satisfação. Contudo, entregarmo-nos à ideia de uma insatisfação permanente, que não é mais que a exigência da excelência que sucessivamente impomos a nós mesmos, mas também da mudança que desejamos imprimir no que nos rodeia, só é possível se aprendermos a viver com um certo tipo de frustração. Daí que seja importante a consciência de que a acção pública - a acção no mundo -, mas também o processo de auto-reflexão que continuamente fazemos, se enquadre no domínio da arte do possível, que se nos impõe como muro difícil de transpor. Esse mesmo muro é o obreiro da frustração. E a única resposta a dar-lhe é a Persistência, cuja função principal é a de constantemente desafiar os limites do possível. Caímos, mas persistimos em erguer-nos!

Camus tem uma leitura do Mito de Sísifo, rei mitológico de Éfira, no seu ensaio que tem precisamente aquele nome, que me parece útil para os nossos propósitos. Considerado o mais astuto de entre os mortais, o rei Sísifo foi castigado por ter desafiado os deuses e a morte, tendo sido condenado para a eternidade a carregar uma pedra até ao topo de uma montanha. Sempre que atingia o pico, a pedra caía, rolando até ao sopé da montanha, e de novo ele teria de voltar a carrega-la, invariavelmente com o mesmo resultado. Para Camus, a tarefa de Sísifo é, no entanto, algo mais que uma mera punição. Sísifo é o protótipo do herói absurdo, acometido a uma tarefa sem sentido aparente, mas na qual persiste como gesto de revolta contra o próprio absurdo, que não

está no mundo, nem no indivíduo, mas no que separa os dois, isto é, na impossibilidade do homem reduzir o mundo a um princípio racional ou razoável. Uma tal perspectiva conduziria o comum dos mortais ao desespero e, conseqüentemente, à desistência. Sísifo, porém, persiste na revolta, não porque esta lhe dê esperança, mas porque se torna condição da sua existência.

Não vos sugiro que se entreguem a uma semelhante revolta contra o absurdo. Há, no entanto, várias coisas em comum entre o percurso que vos espera e a escalada de Sísifo. Nem sempre será fácil achar sentido no mundo, ou simplifica-lo de acordo com os conceitos, ou preconceitos, que transportamos connosco. Muitas das tarefas que se vos atravessarão no caminho parecerão ser absurdas. A primeira será a de procurar emprego fazendo uso dos vossos méritos num ambiente em que a lógica prevalecente nem sempre é a da recompensa, e do aproveitamento, do mérito.

A segunda acompanhar-vos-á ao longo das vossas vidas: é a aprendizagem do fracasso. Desde pequenos até morrermos não aprenderemos nada de mais importante que aquilo que nos foi dado nos nossos primeiros meses de vida: aprendermos a reerguer-nos depois da queda. É esta a tarefa, por excelência, que se coloca ao esforço da persistência. Se nenhum sucesso está, de uma vez por todas, alcançado, não há fracasso que seja absoluto. De cada queda levamos algo mais connosco. A pedra terá de prosseguir até ao cume da montanha, mas o indivíduo que a transporta é alimentado, a cada passo, por novo ímpeto, bem como pela experiência da queda, que mais prevenidos nos deixará para os obstáculos do caminho.

O fardo – a pedra – que carregamos é constituído pelos prémios, pelos méritos, e a responsabilidade que deles advém, mas também pelo nosso comprometimento com a realidade, com os valores que professemos e com aqueles que nos estão mais próximos e a quem tanto devemos. É um fardo, mas é também a nossa principal fonte de motivação – é pela pedra que trepamos a montanha. É graças a ela e é por ela.

Assim, o dia de hoje, que vos poderia parecer o culminar de dois terços das vossas vidas investidos em formação, por cujo esforço são hoje premiados, deve ser antes visto como um momento inaugural. A partir de hoje entra em vigor um contrato de compromisso entre vocês e o mundo. Pouca gente estará tão bem preparada, e será tão repleta de qualidades, para enfrentar a viagem. O principal, no entanto, só agora começará a ser

verdadeiramente testado: as vossas persistência e perseverança. Eu ofereço-me como testemunha feliz deste momento.

Terminando com o Imperador da língua portuguesa citando o seu Patrão: «Vós sois o Sal da Terra!» O sucesso da vossa tarefa não é vossa dependência exclusiva, e podem crer que nem sempre será alcançado e nunca definitivamente. Tal acontece «ou porque o sal não salga, ou porque a terra não se deixa salgar». Que mais depressa aconteça a segunda, que a primeira hipótese. Mas que nunca falte à terra quem se disponha a persistir nela.

Parabéns e Muito Obrigado!

Emanuel Bernardes Joaquim

14 de abril de 2016